

FRANCO MORETTI E A *DISTANT READING*: UM OLHAR SOBRE O MÉTODO

Leandro Henrique Scarabelot Campos de Pieri (Doutorando em Literatura pela UFSC)

RESUMO

A fim de contribuir com os estudos de teoria e de história literária, o presente artigo tem como intuito trazer uma reflexão sobre a *distant reading*, novo método de estudos criado por Franco Moretti, crítico e teórico literário italiano. Para tal, o artigo divide-se em três momentos: no primeiro momento, aborda-se a “*distant reading*” em suas diferentes versões para em seguida explicitá-las; no segundo, as posições de Moretti são confrontadas com as críticas provenientes de autores do Brasil e do exterior, para, com isso, possibilitar o aprimoramento do método; no terceiro momento, ao final do artigo, um paralelo é esboçado entre a *distant reading* morettiana e os trabalhos desenvolvidos no NuPILL (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística), da UFSC.

Palavras-chave: Franco Moretti. Distant reading. Estudos literários. Teoria Literária. História literária.

ABSTRACT

In order to contribute to the study of theory and literary history, the present article aims to bring a reflection on “distant reading”, a new method of study created by the Italian Franco Moretti, a critic and literary theorist. For this, the article is divided in three moments: in the first moment the *distant reading* is approached in its different versions and then make them explicit; in the second moment, Moretti's positions are confronted with the criticism coming from authors in Brazil and abroad, in order to make possible the improvement of the method; in the third moment, at the end of the article, a parallel is drawn between Moretti's *distant reading* and the works developed at NuPILL (Nucleus Research in Informatics, Literature and Linguistics), UFSC.

Keywords: Franco Moretti. Distant reading. Literary studies. Literary theory. Literary history.

UM BREVE PANORAMA

“Uma disciplina que está perdendo o seu fascínio pode tranquilamente arriscar tudo e procurar um novo modo, um novo método para tornar significativo o seu próprio trabalho.”
(MORETTI, 2008, p. 9)

Por volta dos anos 2000 veio a lume um polêmico artigo no periódico *New Left Review* (NLR) intitulado “Conjectures on World Literature”¹ (“Conjeturas sobre a literatura mundial”²), do crítico e teórico literário italiano Franco Moretti³. Nele, o autor propunha uma grande revolução na forma de se realizar os estudos literários, ou, mais precisamente, de história literária (*literary history*)⁴, introduzindo a versão inicial daquilo que chamou de *distant reading*⁵ (ou *leitura à distância*). Três anos depois, ainda no mesmo periódico, Moretti publicou outros três artigos apresentando três modelos abstratos que convidavam a uma nova abordagem com relação aos estudos literários a partir dos quais ampliava e reelaborava o método anterior dando novos rumos para ele. Estes três artigos foram compilados no livro *Graphs, Maps, Trees: Abstract models for a Literary History*⁶ (Verso,

¹ Posteriormente o artigo virou capítulo de livro. In: PRENDERGAST, Christopher (org.). *Debating on world literature*. London: Verso, 2004; e também In: MORETTI, Franco. *Distant Reading*. London: Verso, 2013.

² Existem duas traduções para o português do artigo de Moretti, uma feita por José Marcos Macedo, publicada em novembro do ano 2000 em um periódico *online*, e outra feita por Luiz Antônio Aguiar e Marisa Sobral, que saiu no ano seguinte, no livro organizado por Emir Sader. Para a confecção deste artigo, vali-me da tradução disponível *online*. As referências completas estão no final do artigo.

³ Além de crítico e teórico literário, Moretti é atualmente professor de literatura na Universidade de Stanford (EUA), além de ser autor de diversos livros, dentre os quais, traduzidos para o português, temos o *Atlas do romance europeu: 1800-1900* (Boitempo, 2003); *Signos e estilos da modernidade: Ensaio sobre a sociologia das formas literárias* (Civilização Brasileira, 2007). Moretti também organizou a série chamada *O Romance*, cujo primeiro volume intitulado *A cultura do romance* foi lançado aqui no Brasil em 2009, pela Cosac Naify.

⁴ É preciso notar que Moretti utiliza o termo *literary history* (história literária) e não *history of literature* (história da literatura), que são conceitos distintos. Tornarei a este ponto mais adiante.

⁵ Embora o termo de Moretti possa ser traduzido por *leitura à distância*, preferi mantê-lo como era tendo em vista a coerência textual, uma vez que também mantenho o termo *close reading* em sua forma original.

⁶ O livro também foi publicado no mesmo ano na Itália sob o título *La Letteratura vista da lontano* (Einaudi, 2005).

2005), o qual foi publicado aqui no Brasil em 2008 pela Editora Arquipélago sob o título de *A literatura vista de longe*⁷.

Embora a tradução de seu artigo tenha aparecido pouco tempo depois de sua publicação e, a partir de 2003, o autor contasse com alguns livros publicados no Brasil, Moretti parece ter gerado mais comoção no exterior do que aqui, tendo em vista a baixa – para não dizer ínfima – quantidade de publicações que seu artigo e seu livro geraram em nosso país⁸. Para que o estudioso brasileiro possa conhecer as observações mais pertinentes sobre o método morettiano, ele deve compreender o inglês, língua que conta com a maioria das respostas a Moretti e abordagens, positivas ou negativas, sobre o seu método.

Levando isso em consideração, o presente artigo possui dois objetivos principais: 1) abordar a *distant reading* morettiana, ou, melhor dizendo, as versões daquilo que Moretti entende por *distant reading*; e 2) elencar os principais problemas (e as possíveis soluções) que foram apontados(as) por alguns de seus críticos, sejam eles do Brasil ou do exterior. Esta discussão mostra-se pertinente na medida em que propõe uma reflexão sobre o método morettiano, uma vez que, embora forneça contribuições importantes e seja bastante promissor, ele possui alguns problemas que precisam ser resolvidos antes que possamos adotá-lo plenamente.

A(S) DISTANT READING(S)

“sabemos como ler textos, agora vamos aprender como *não* os ler.” (MORETTI, 2000b, p. 176).

Conforme mencionei, o termo *distant reading* surgiu no artigo “Conjectures on World Literature”, publicado na *New Left Review*. Nesse artigo, Moretti propõe uma rearticulação dos estudos literários, mais precisamente na área de *literatura comparada* e dos *estudos de história literária* e oferece “um conjunto de hipóteses para rastrear o nascimento e destino

⁷ A diferença no título, conforme aponta Luís Bueno (2009b, p. 118), professor da UFPR, em seu artigo “Literatura mundial e tradição interna”, se deve ao fato de que teria sido a edição italiana que teria servido de base à edição brasileira.

⁸ Menciono isso em relação ao fato de que, mesmo com a rápida tradução dos textos morettianos, os artigos/estudos que os contemplam – e que se encontram disponíveis *online* – vêm a lume somente a partir de 2009, tais como BUENO (2009a), BUENO (2009b), ALEXANDER (2010), SANTOS (2013). As referências completas estão no final deste artigo.

dos romances (*novel*) nas periferias da Europa, na América Latina, terras Árabes, Turquia, China, Japão, África ocidental.” (MORETTI, 2000, s/p – tradução nossa)⁹. Seu projeto, a princípio, parece não somente promissor e interessante, mas também bastante árduo, levando em conta o resultado ambicioso que almeja, a saber, a retomada do sonho goethiano de uma *Weltliteratur*. Em outras palavras, Moretti pretende dar conta de uma história literária no âmbito não de um sistema nacional, mas de um sistema global, ou seja, trata-se de uma história literária mundial, pois, segundo o autor, a literatura que atualmente nos rodeia “é inequivocamente um sistema planetário.” (MORETTI, 2000b, p. 174) Tendo isto em mente, o italiano pontua que uma das grandes questões da atualidade “não é bem *o que* devemos fazer – a questão é *como*.” (MORETTI, 2000b, p. 174-175 – itálicos do autor) E lança a pergunta “O que significa estudar literatura mundial? Como fazer?” (MORETTI, 2000b, p. 174-175).

É justamente na busca de dar conta dessas questões que Moretti parte em sua grande empreitada, isto é, saber como estudar a literatura mundial, levando em consideração que existem incontáveis obras literárias espalhadas pelo mundo, e que esse número, além de ser exorbitante, não para de aumentar. Vale especificar que, ao falar em “literatura mundial”, o italiano não está preocupado apenas com o cânone, o que por si só já seria bastante difícil de dar conta, mas com **toda** a literatura mundial, trazendo (de volta) para o palco “os grande não-lidos”, na expressão que ele toma emprestada de Margaret Cohen, ou os “99% esquecidos da literatura”, conforme a expressão que ele utiliza em “The slaughterhouse of literature”¹⁰. Conforme bem aponta Amir Khadem em seu artigo “Annexing the unread: a close reading of ‘distant reading’”, ao trazê-los de volta, o objetivo de Moretti é “encontrar novas correlações na história literária que abranjam obras literárias que são geralmente negligenciadas” (KHADDEM, 2012, p. 410 – tradução nossa)¹¹. Eis aí um dos grandes (se não o maior dos) problemas para a disciplina de história literária. Como dar conta desse imenso número de obras?

Esta foi uma das razões que levou Moretti a afirmar que “[l]er ‘mais’ dificilmente parece ser a solução.” (MORETTI, 2000b, p. 174), até porque, conforme o próprio italiano

9 No original: “Here Franco Moretti offers a set of hypotheses for tracking the birth and fate of the novel in the peripheries of Europe, in Latin America, Arab lands, Turkey, China, Japan, West Africa.” (MORETTI, 2000, s/p). Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/1/franco-moretti-conjectures-on-world-literature>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

¹⁰ In: MORETTI, Franco. *Distant Reading*. London: Verso, 2013.

¹¹ No original: “[...] to find new correlations in literary history by embracing works of literature that are usually neglected.” (KHADDEM, 2012, p. 410).

mencionará mais tarde, em *A literatura vista de longe* (2008, p. 14), mesmo que fôssemos tentar dar conta da leitura de todos os romances de *um único país*, essa tarefa levaria mais de um século. Levando em conta a “enormidade da tarefa” (MORETTI, 2000b, p. 174), o autor vai afirmar que o problema aqui não é uma questão de tempo, mas de **método**, pois “um campo assim tão vasto não é possível ser entendido colocando lado a lado o que sabemos deste ou daquele outro caso isolado. Porque *não é* a soma de tantos casos isolados: é um sistema coletivo, um todo, que deve ser visto e estudado como tal.” (MORETTI, 2008, p. 14 – itálico do autor) Em outras palavras, para Moretti,

a literatura mundial não é um objeto, é um problema, e um problema **que reclama um novo método crítico**: e ninguém terá achado um método simplesmente por ler mais textos. Não é assim que as teorias vêm à luz; elas precisam de um salto, de uma aposta – de uma hipótese, para se porem em movimento. (MORETTI, 2000b, p. 174 – grifos nossos, itálico do autor)

Vale esclarecer que embora Moretti veja a literatura como um **sistema planetário**, isso não quer dizer que a veja como um **sistema igualitário**. Sob o seu ponto de vista, a literatura mundial (ou o sistema-mundo literário) é, assim como o capitalismo internacional, “um sistema simultaneamente *uno* e *desigual*: com um centro e uma periferia (e uma semiperiferia) vinculados num relacionamento de crescente desigualdade.” (MORETTI, 2000b, p. 175 – itálicos do autor). Sendo assim, seria preciso olhar para esse sistema de forma diferente do que vimos fazendo, seria preciso ir além.

É pensando nisso que o italiano sugere que utilizemos o *slogan* de Marc Bloch – no qual se afirma ser necessário “anos de análise para um dia de síntese” (MORETTI, 2000b, p. 175) – a nosso favor. Em outras palavras, Moretti quer trazer essa abordagem, **esse modelo** para o campo dos estudos da literatura mundial, isto é, ele quer reproduzir essa relação entre análise e síntese dentro do campo literário. Mas, como?

É aí que entra a originalidade do italiano. Ao invés de olhar para a literatura em sua materialidade, isto é, ao invés de olhar para as **obras individuais**, sejam elas de um só país ou de países diferentes, e compará-las entre si a partir de uma leitura exaustiva, Moretti propõe que se analisem **os estudos** levados a cabo pelos especialistas de cada nação e, aí sim, comparando-os, abstrair e tentar perceber algo que eles mostram (ou podem mostrar)

ter em comum, a fim de esboçar (ou até estabelecer) alguma espécie de lei que reja a literatura¹².

Ao fazer isto, Moretti quer fugir daquilo que ele chama de “o problema da *close reading*” (MORETTI, 2000b, p. 176 – itálico do autor), tendo em vista que esta, “(em todas as suas encarnações, do *new criticism* à desconstrução) [...] necessariamente depende de um cânone extremamente reduzido.” (MORETTI, 2000b, p. 176 – itálico do autor) Outro problema da *close reading*, segundo o autor, se deve a uma premissa que agora já estaria inconsciente e invisível, mas que ainda assim continuaria atuando em nosso *modus operandi*, a saber, que só se investe “tanto em textos individuais *somente se* se achar que muito poucos deles realmente contam”¹³ (MORETTI, 2000b, p. 176 – itálico do autor). E conclui que, se quisermos olhar para além do cânone, a *close reading* (seja ela de que tipo for) não vai ajudar. Partindo dessa premissa, Moretti propõe seu novo método – que, em suas palavras, seria uma “barganha com o diabo” – e faz sua afirmação mais polêmica:

nós sabemos como ler textos, agora vamos aprender a não os ler.

Distant reading, leitura distante: em que a distância [...] é uma condição de conhecimento. Ela nos permite focalizar unidades muito menores ou muito maiores que o texto: expedientes¹⁴, temas, tropos – ou gêneros e sistemas¹⁵. E se entre o muito pequeno e o muito grande o próprio texto

¹² Essa era a versão inicial que foi proposta em “Conjectures...”; no entanto, a partir do artigo “The slaughterhouse of literature” e do livro *A literatura vista de longe*, ela se modifica, conforme veremos adiante.

¹³ Este é um assunto que considero bastante delicado. Levando em conta a impossibilidade de se ler *toda* a literatura mundial, desde os primórdios até a atualidade, é preciso considerar que, enquanto leitores, só contam para nós as obras que nos dão algum prazer (seja ele estético e/ou intelectual e/ou de prestígio (ou integração) social, etc.), e aqui, em certa medida, isso independe do *status* da obra, isto é, se é canônico ou não. No entanto, como aqui Moretti refere-se aos estudiosos de literatura e não ao leitor “comum”, embora a mesma premissa seja válida, a da impossibilidade de se ler *tudo*, as escolhas também são feitas de acordo com a subjetividade de cada um. É claro que enquanto pesquisadores de *história literária*, deveríamos, sim, conforme aponta o italiano, encontrar formas de trabalhar com o maior número de obras possível, sem distinção de valor. Todavia, os estudiosos de literatura de modo geral (o que inclui o próprio Moretti), geralmente tendem a trabalhar com as obras que parecem lhes dizer mais do que outras, sejam aquelas que parecem mais complexas (no âmbito da forma e/ou do conteúdo) sejam aquelas que contemplam alguma pauta que esteja guiando suas escolhas, mesmo que de forma “inconsciente”, de forma não premeditada. Em outras palavras, é possível dizer com Bultmann que, na interpretação de uma obra, “La interrogación de fondo procede de un *interés que se funda en la vida de quien pregunta*. La presuposición de toda interpretación comprensiva es que el interés del que hablamos está de una manera u otra viviendo en el texto que hay que interpretar y funda la comunicación entre este último y el intérprete.” (*apud* GRONDIN, 2008, p. 66 - itálicos do autor) Em outras palavras, segundo Bultmann, pode-se dizer que toda compreensão é participativa, pois “comprender es tomar parte en lo que comprendo.” (GRONDIN, 2008, p. 66)

¹⁴ O termo em inglês é *device* (dispositivo), mas creio que a escolha por “procedimento” feita na tradução de *A literatura vista de longe* seja mais apropriada e, por isso, em minhas traduções de outros textos, quando o sentido for o mesmo, farei da mesma forma.

¹⁵ Já Genette, por volta de 1970, no texto da conferência “Poética e História”, dizia que “em literatura, o objeto histórico, isto é, aquilo que é duradouro e variável, não é a obra: são os elementos que transcendem as obras e constituem o jogo literário que chamaremos, para abreviar, de *formas*: por exemplo, os códigos retóricos, as técnicas narrativas, as estruturas poéticas, etc.” (GENETTE, 2017, p. 21) Ao trazer esta citação,

desaparece, bem, será um daqueles casos em que se pode justificadamente dizer: “Menos é mais”. (MORETTI, 2000b, 176 – grifo nosso, itálicos do autor)

Chamo a afirmação de polêmica não só pelo teor, mas porque alguns estudiosos compreenderam mal essa afirmação, acusando Moretti de querer suplantando a *close reading* pela *distant reading*, o que não corresponde aos fatos. Embora em seu estágio embrionário a *distant reading* pudesse parecer uma negação da *close reading*, Amir Khadem (2012, p. 412) explica ser justamente o contrário, pois o método morettiano se considerava um avanço em relação a esta, no sentido de que os resultados já obtidos pelos diversos estudos feitos com a *close reading* serviriam de base para uma nova elucubração teórica¹⁶. Além disso, ainda na esteira de Khadem, é preciso mencionar que “os trabalhos posteriores de Moretti mostram que sua ideia de *distant reading* é um desenvolvimento concentrado da *close reading*, canalizado em uma certa direção, enfatizando um aspecto do texto e ignorando outros, na base de um modelo macroscópico” (KHADEM, 2012, p. 412 – tradução nossa)¹⁷. Eis aí, a *distant reading* em sua **essência**, por assim dizer. É nesse sentido que se articula a afirmação de que “nós já sabemos como ler textos” e que agora devemos “aprender a não os ler”, pois a *distant reading* pressupõe a *close reading*, uma vez que esta última subsidia as pesquisas da primeira.

Sendo assim, o texto, agora, servirá mais como um dispositivo popperiano de falsificação de operações do que qualquer outra coisa; dito de outra forma, recorre-se aos textos (às obras literárias) para confirmar ou falsificar uma hipótese que os estudos anteriores parecem sustentar, como o próprio Moretti fez em “Conjectures...” para verificar se as observações compatíveis de diversos estudos independentes de autores de diferentes nacionalidades e as abstrações feitas por ele mesmo eram congruentes. Em outro caso, o texto é utilizado não para comprovar a hipótese levantada a partir da leitura dos estudos de outros pesquisadores, mas para averiguar uma hipótese do próprio pesquisador. Esse tipo de leitura pode ser encontrado tanto em “The slaughterhouse of literature”

meu intuito é deixar a seguinte reflexão em aberto: estaria Moretti concretizando, mesmo que de forma um pouco diferente, aquilo que propunha Genette?

¹⁶ No original: “Distant reading, except in its embryonic state, has never been a case of denying close reading in its entirety, but indeed it is an advancement of it, being designed to function in reverse direction.” (KHADEM, 2012, p. 412)

¹⁷ No original: “Moretti’s later works show that his idea of distant reading is a concentrated development of close reading, channeled into a certain direction, stressing on one aspect of the text and ignoring others, on the basis of a macroscopic model [...]” (KHADEM, 2012, p. 412)

quanto na terceira e última parte de *A literatura vista de longe*¹⁸, intitulada “Árvores”. Vejamos um exemplo.

Nesses dois últimos textos, Moretti faz referência aos romances de Conan Doyle, os quais são escolhidos não apenas pelo prestígio desse autor, mas também pelo fato de que “estórias de detetive têm a vantagem de ser um gênero bastante simples (o primeiro passo ideal em uma investigação a longo-prazo), e porque eles possuem um ‘procedimento específico’ de apelo e visibilidade excepcionais: as pistas.” (MORETTI, 2013, p. 71 – tradução nossa)¹⁹. Assim, Moretti isola um detalhe do texto e busca perceber a existência e/ou as variações desse mesmo detalhe em outros textos do mesmo gênero para justificar a escolha dos leitores por um determinado autor (ou uma determinada obra) em detrimento de outros(as). Desta forma, explica Moretti, o pesquisador não vai ler o **texto** em uma *close reading*, mas **através do texto** em busca de um “procedimento” que possivelmente será a resposta para o sucesso de tal ou tal obra dentro de um determinado gênero narrativo.

É preciso perceber, no entanto, que há certa diferença entre a *distant reading* no artigo dos anos 2000, em “The slaughterhouse of literature” e nos três artigos posteriores, encontrados em *A literatura vista de longe*, diferença já evocada nos dois parágrafos anteriores. Enquanto que no primeiro a *distant reading* é feita a partir de outros estudos, no segundo recorre-se às próprias obras (embora de forma um pouco mais frouxa do que numa *close reading*) para fazer suas deduções. Este ponto é realçado pelo já mencionado Amir Khadem (2012, p. 415), que vai dividir a *distant reading* em dois métodos distintos a fim de explicitar melhor seu ponto de vista. Khadem a classifica de duas maneiras: a *distant*

¹⁸ Apenas para situar o leitor sobre este livro, é possível trazer as sintéticas palavras de Luís Bueno, em sua resenha para o livro de Moretti intitulada “A decisão de não ler: Uma abordagem heterodoxa dos estudos literários”. Conforme aponta o professor, “na primeira parte, temos uma história literária que, despreocupada da leitura de obras específicas, procura traçar a evolução – ascensão, vigência e declínio – dos gêneros romanesco, tornando-a visível em gráficos. Na segunda, o método de abordagem que ele [Moretti] havia desenvolvido no *Atlas do romance europeu* (Boitempo) dá um passo adiante e se refina: os mapas convertem-se em diagramas, formas ao mesmo tempo mais abstratas e mais dinâmicas, que permitem visualizar, de um só golpe, o correr da história social e da história literária. Na terceira, aparece a teoria da evolução, afeita ao estudo tanto daquelas formas que sempre mudando alcançam uma larga vigência quanto daquelas outras que não são capazes de se afirmar e se extinguem.” (BUENO, 2009a, p. 23)

¹⁹ No original: “[...] detective stories have the advantage of being a very simple genre (the ideal first step in a long-term investigation), and because they possess a 'specific device' of exceptional visibility and appeal: clues.” (MORETTI, 2013, p. 71) Vale dizer que o termo “pistas” (*clues*) leva à nota de rodapé nº 9, na qual Moretti traz diversos autores que apontam a relevância das *pistas* nos romances policiais e explica o porquê de chamá-las de “procedimento *formal*”. Ele diz o seguinte: “Eu falo de pistas como um procedimento *formal* porque sua função narrativa (a referência encriptada ao criminoso) permanece constante, embora a sua incorporação concreta mude de estória para estória (elas podem ser palavras, guimbas de cigarro, pegadas, cheiros, barulhos, e assim por diante).” (MORETTI, 2013, p. 71 – tradução nossa, itálico do autor). No original: “I speak of clues as a *formal* device because their narrative function (the encrypted reference to the criminal) remains constant, although their concrete embodiment changes from story to story (they can be words, cigarette butts, footprints, smells, noises, and so on).” (MORETTI, 2013, p. 71)

reading anatômica e a *distant reading* epistemológica. A citação é um pouco longa, mas é bastante esclarecedora.

Na primeira, o estudioso pretende ficar longe de um estudo analítico da obra como um todo a fim de, inicialmente, ganhar uma perspectiva definitiva sobre ela quando situada entre uma gama enorme de outras obras, e posteriormente, ser capaz de traçar um número limitado de elementos formais em toda a gama deles. **É anatomicamente distante, pois a ordem estrutural da obra é ignorada em favor de um simples procedimento ou característica genérica.** Mas, **na última**, o método consiste principalmente na **leitura de estudos independentes** e tratá-los **como elementos mediadores** para uma pesquisa acadêmica. Nesse sentido, a leitura do estudioso é **epistemologicamente distante**, já que ele não é equipado com as requeridas ferramentas epistemológicas (a saber, proficiência linguística e cultural) para cobrir um vasto *corpus* de obras. Neste caso, para descobrir os padrões gerais, o estudioso precisa colocar juntos trabalhos que são muito diversos, assim, ele se baseia em estudos de outros acadêmicos que, tendo tempo e conhecimento suficientes, fizeram suas próprias contribuições em um limitado número de obras. **O *distant reader* [leitor distanciado] coleta aquelas pesquisas separadas e tenta encontrar seu denominador comum.**” (KHADEM, 2012, p. 415 – tradução e grifos nossos)²⁰

Em suma, na primeira, o analista deixa de usar a *close reading*, pelo tempo que toma, em favor de uma leitura mais “global”, por assim dizer, em busca de algum procedimento ou mecanismo do texto; no segundo, o analista foge da “angústia da impossibilidade de um conhecimento ideal” (KHADEM, 2012, p. 415 – tradução nossa)²¹, isto é, de ter que conhecer a fundo não só a(s) obra(s) que pesquisa, mas também a língua e a cultura em que foi (foram) escrita(s). Para simplificar, pode-se dizer que na primeira o raciocínio indutivo é do próprio analista, enquanto que na segunda o seu raciocínio é delineado pelo estudo de outros pesquisadores. É principalmente sobre este último tipo que, conforme aponta Amir Khadem, recaem dois problemas, afinal

²⁰ No original: “In the former, the scholar intends to stay away from an analytical study of the work as a whole in order to, first, gain a definite perspective over it when situated among a huge gamut of other works, and second, be able to trace a limited number of formal elements in the entire range of them. It is anatomically distant because the structural order of the work is to be ignored in favor of a simple device or generic feature. But, in the latter, the method consists mainly of reading independent studies and treating them as mediating elements for a scholarly research. In this sense, the scholar’s reading is epistemologically distant, since he is not equipped with the required epistemological tools (namely, linguistic and cultural proficiency) to cover a vast body of works. In this case, to uncover the general patterns, the scholar needs to put together literary works that are too diverse, thus he relies on studies of other scholars who, having enough time and knowledge, had each made their own contributions on a limited number of works. The distant reader collects those separated researches and tries to find their common denominator.” (KHADEM, 2012, p. 415)

²¹ No original: “[...] the anxiety of impossibility of an ideal knowledge.” (KHADEM, 2012, p. 415).

A ideia de pesquisa colaborativa de Moretti é problemática não apenas por implicar uma hegemonia política do inglês ou uma atitude imperialista do comparatista, como notou Arac²², mas também em relação ao papel da indução, se ele é colocado primária ou secundariamente. Há uma grande diferença entre usar o trabalho de outros estudiosos como uma fonte de inspiração, influência ou reconhecimento, e tratá-las como “dados”. (KHADEM, 2012, p. 415 – tradução nossa)²³

Neste sentido, conforme se vê, para Khadem, um dos problemas está no fato de que enquanto de um lado os trabalhos de outros estudiosos são usados como uma base de dados para prosseguir com raciocínio indutivo do próprio pesquisador, conforme se pode observar em “The slaughterhouse...” e nos dois capítulos finais de *A literatura vista de longe*; do outro lado, por sua vez, são os próprios trabalhos que estão “moldando o raciocínio”²⁴, conforme vemos em “Conjectures...” e no capítulo inicial de *A literatura vista de longe*. Aqui, para o exemplo deste último, Khadem menciona o gráfico feito por Moretti sobre a ascensão e queda dos subgêneros dos romances na literatura inglesa de 1740 a 1900²⁵, o qual é feito com base em diversos estudos de outros acadêmicos, embora a explicação dos dados seja feita a partir das interpretações do próprio Moretti; enquanto que o primeiro pode ser exemplificado com os já mencionados estudos sobre as “pistas” em Conan Doyle.

ALGUNS COMENTÁRIOS ACERCA DA *DISTANT READING*

Agora que vimos em que consistem as versões da *distant reading* morettiana e as duas formas em que se pode classificá-la, vejamos algumas das principais réplicas que foram feitas ao autor desde a publicação do primeiro artigo sobre o seu novo método.

Um dos primeiros a se manifestar em relação ao método morettiano teria sido Jonathan Arac, em seu artigo “Anglo-Globalism?” (2002), também publicado na *NLR*.

²² A crítica de Jonathan Arac segue logo adiante.

²³ No original: “Moretti’s idea of collaborative research is problematic not just for implication of the political hegemony of English or the imperialistic attitude of the comparatist, as Arac noted, but also regarding whether the role of induction is placed primary or secondary. There is a huge difference between using other scholars’ works as source of inspiration, influence, or acknowledgment, and treating them as ‘data.’” (KHADEM, 2012, p. 415)

²⁴ Cf. KHADEM, 2012, p. 416.

²⁵ Trata-se aqui da **Figura 9**: Os gêneros romanescos ingleses, 1740-1900, inserido em *A literatura vista de longe*, 2008, p. 39.

Nele, Arac lida com “os principais trabalhos programáticos de três comparatistas ocidentais, que representam três gerações ao longo do último meio século: Erich Auerbach, Edward Said e Franco Moretti.” (ARAC, 2002, p. 35 – tradução nossa)²⁶ Uma das primeiras preocupações de Arac é que embora em seu “Conjectures...” Moretti cite mais de vinte estudos independentes que concordam entre si, a maioria deles é escrita em inglês.

Certo, sabemos que atualmente o inglês é a língua franca, a língua da globalização, uma língua que é nacional e global ao mesmo tempo, como o próprio articulista menciona²⁷. Arac, no entanto, preocupa-se com esse “furtivo imperialismo do inglês” e com a “diminuição da crítica baseada na linguagem em favor de um esquema mestre monolíngue” (ARAC, 2002, p. 44 – tradução nossa)²⁸, uma vez que embora os críticos especializados de cada país sejam aqueles que fazem o trabalho inicial, é o próprio *distant reader* que vai sintetizar tudo isso em uma língua só, que, no caso, seria o inglês.

Neste sentido, Arac também se preocupa com a disparidade que ocorre entre os estudiosos de literatura nacional e o *distant reader*, tendo em vista que, com este tipo de colaboração – conforme bem pontua Amir Khadem comentando o artigo de Arac –, “o *distant reader* [leitor distanciado] sugere um maior grau de autoridade para si.” (KHADEM, 2012, p. 411 – tradução nossa)²⁹ Além disso, Arac também chama o método morettiano de “imperialismo dissimulado” (*covert imperialism*), uma vez que nele os pesquisadores nacionais fazem seus próprios estudos “e apresentam suas descobertas para o sintetizador global, que se torna o *maestro di color che sanno* (‘o mestre daqueles que sabem’).” (ARAC, 2002, p. 45 – tradução nossa)³⁰ Assim sendo, vale a pena citar outro comentário feito por Amir Khadem em extensão ao comentário de Arac, no qual se lê o seguinte:

²⁶ No original: “I engage key programmatic works by three Western comparatists, representing three generations over the last half-century: Erich Auerbach, Edward Said, Franco Moretti.” (ARAC, 2002, p. 35).

²⁷ “O inglês na cultura, como o dólar na economia, serve como o meio através do qual o conhecimento pode ser traduzido do local para o global.” (ARAC, 2002, p. 40 - tradução nossa). No original: “English in culture, like the dollar in economics, serves as the medium through which knowledge may be translated from the local to the global.”

²⁸ No original: “I am troubled by several features that I find in Moretti’s approach to the challenge of globality for the study of world literature: **the unavowed imperialism of English; the diminishment of language-based criticism in favour of a monolingual master scheme.**” (ARAC, 2002, p. 44 – grifos meus).

²⁹ No original: “It is simply a collaboration in which the distant reader has suggested a higher ground of authority for himself.” (KHADEM, 2012, p. 411).

³⁰ No original: “The readers read closely in all the various languages of the world, and present the findings to the global synthesizer, who becomes the *maestro di color che sanno* (‘master of those who know’).” (ARAC, 2002, p. 45 – itálico do autor).

A objeção de uma divisão de trabalho imperialista entre os estudiosos tem seu corolário na impossibilidade de ser crítico. Como um comparatista, o *distant reader* [leitor distanciado] sempre dependerá do trabalho crítico dos outros a fim de conceber um modelo geral. Mas, como o comparatista não se envolveu por si mesmo em uma leitura crítica de texto algum, o trabalho final não terá quase nenhum valor crítico, pois ele tende a ignorar aquilo que é específico e não ortodoxo pelo bem do quadro maior. (KHADEM, 2012, p. 411-412 – tradução nossa)³¹

Embora esta crítica seja válida, é preciso lembrar que Moretti não sugere o completo abandono da leitura dos textos, uma vez que estes podem ser consultados a fim de testar as hipóteses articuladas a partir de tais estudos, e também o fato de Moretti especificar que o *distant reader* deve utilizar o trabalho de estudiosos que sejam consagrados, a fim de não cair nesse tipo de situação. No entanto, reitero que as observações de Arac e Khadem são válidas e devem ser levadas em conta, uma vez que este é um perigo real e que deve ser evitado.

Outro crítico que se debruçou sobre o trabalho de Moretti foi Christopher Prendergast, em seu artigo “Evolution and Literary History: A Response to Franco Moretti”³², o qual também saiu na *NLR* em 2005³³. De acordo com o autor, nas últimas quatro décadas, os estudos literários foram confrontados com três perguntas fundamentais, a saber, 1) é desejável ter uma história literária?; 2) é possível ter uma história literária?; e, 3) se a história literária é não só possível como desejável, então *como exatamente fazer isso?* Conforme aponta o autor, é justamente sobre esta última que Franco Moretti se debruça com seus três artigos/modelos.

Em sua visão, o projeto de Moretti possui “uma reivindicação muito forte sobre a reformulação de um campo inteiro de investigações” e é principalmente sua “animadora ambição que requer uma atenção especial” e para a qual ele dirige os seus “mais cétricos comentários” (PRENDERGAST, 2005, p. 41-42 – tradução nossa)³⁴. O autor então explica

³¹ No original: “The objection of an imperialistic division of labor among scholars has its corollary in the impossibility of being critical. As a comparatist, the distant reader will always depend on the critical work of others in order to devise a generalized model. But since the comparatist himself has not engaged in a critical reading of any text, the final work will have almost no critical value, for it tends to ignore the specific and the unorthodox for the sake of the bigger picture.” (KHADEM, 2012, p. 411-412)

³² O artigo de Prendergast também pode ser encontrado no já mencionado livro que foi organizado por ele, *Debating on world literature*. (2004).

³³ Posteriormente, o próprio Moretti fez sua tréplica para Prendergast, embora, a meu ver, suas respostas tenham sido bastante evasivas e em sua maioria acabam dando razão ao seu crítico. Cf. o artigo “The End of the Beginning: A Reply to Prendergast” no livro *Distant Reading* (2013, p. 137-158).

³⁴ No original: “[...] ‘Trees’ is not merely — or is so only deceptively — **the recasting of an entire branch of inquiry**. It is another variant of the modest proposal. **It enters a very strong claim on this animating**

que suas questões “são centradas na estrutura lógica de um argumento, especificamente em quatro de seus momentos”, em três dos quais ele detectou “uma *petitio principii*³⁵ e no quarto uma confusão.” (PRENDERGAST, 2005, p. 42 – tradução nossa)³⁶.

Apenas para situar o leitor, pode-se dizer que a primeira *petitio principii* ocorre quando Moretti “cruza” dois fatos que são díspares para explicar algo. Para ser mais explícito, Prendergast chama a atenção para o uso indiscriminado que Moretti faz de um fato literário e um social para justificar seu argumento sobre o sucesso dos romances de Conan Doyle, isto é, sobre o fato de justificar o social (o sucesso do romance) pelo literário (o uso de pistas) e o literário (uso de pistas) pelo social (o sucesso que elas obtêm).

A segunda *petitio principii* é extensiva à anterior e recai sobre a afirmação na qual Moretti explica que o “público descobre que gosta de um certo procedimento, como aqui [nas histórias policiais] os indícios, e se uma história não o possui, não é lida (e então se ‘extingue’).” (MORETTI, 2008, p. 118 – acréscimo nosso entre colchetes) No entanto, esse “o que o público gosta” equivale, na visão de Prendergast, ao “ambiente” no pensamento evolucionário; além disso, pergunta-se ele, “[c]omo o público pode saber que certo romance policial não possui o procedimento se eles não o leram? Mas, se o leram, por definição, eles não podem ser classificados como pertencentes aos Grande Não-lidos” (PRENDERGAST, 2005, p. 50 – tradução nossa)³⁷ e, um pouco adiante, “É comprovadamente um fato que o público desenvolveu uma predileção às pistas complexas? Onde está a evidência?” (PRENDERGAST, 2005, p. 50 – tradução nossa)³⁸ A única evidência concreta, assevera Prendergast, é a existência das pistas, enquanto que a

ambition that commands special attention and which I take as the focus of my own, more sceptical, comments. (PRENDERGAST, 2005, p. 41-42 – grifos nossos).

³⁵ Argumentos circulares, isto é, argumentos em que a conclusão a ser provada é utilizada como premissa no mesmo argumento.

³⁶ No original: My queries are centred on the logical structure of an argument, specifically four of its moments, in three of which I detect a *petitio principii* and in the fourth a confusion.” (PRENDERGAST, 2005, p. 42). Por motivos de concisão e de direcionamento, não poderei me deter longamente em todos os argumentos de Prendergast, mas para o leitor interessado em acompanhá-los na íntegra, remeto às páginas 49-55 de seu artigo, nas quais o autor expressa os problemas encontrados de forma mais detalhada.

³⁷ No original: “How can readers know that a given detective novel does not contain the device if they have not read it? But, if they have read it, by definition it cannot be said to belong in the category of the Great Unread.” (PRENDERGAST, 2005, p. 50). Esta pergunta/afirmação é um pouco capciosa, pois Prendergast deve saber que os “grande não-lidos” são a parte esquecida da literatura, isto é, os escritores não canônicos, e que não é um fato que eles não tenham sido lidos, mas sim que foram esquecidos ou deixados de lado, tanto pelos leitores comuns quanto pelos estudiosos. Além disso, Moretti já havia discutido isso em “The slaughterhouse of literature”, onde explica justamente esse “ser deixado de lado” pelos leitores, que acabam preferindo outros que estão “na boca do povo”, para usar de uma expressão popular. Toco nesse ponto logo em seguida.

³⁸ No original: “Is it in fact true that readers developed a predilection for complex clues? Where is the evidence? (PRENDERGAST, 2005, p. 50).

preferência do público pelas pistas, isto é, o que confirma o sucesso da obra, é a hipótese que está sendo defendida, daí a circularidade. Assim, Prendergast, em tom jocoso, sugere que talvez o sucesso de Doyle se deva à “fascinação com a figura de Sherlock Holmes” e/ou talvez aos seus “incomparáveis poderes de dedução” (PRENDERGAST, 2005, p. 51 – tradução nossa)³⁹.

A terceira objeção de Prendergast recai sobre a “confusão” feita por Moretti com relação ao tipo de leitores, e pergunta-se “*quais* leitores, contemporâneos ou posteriores?” (PRENDERGAST, 2005, p. 51 – tradução nossa, itálico do autor)⁴⁰ Segundo o crítico, Moretti em alguns momentos parece referir-se a uns e em outros momentos aos outros. Esta questão é bastante delicada. Prendergast tem razão em apontar a confusão dentro do livro, no entanto, Moretti já havia explicitado esse ponto em “The slaughterhouse...”, e, provavelmente por isso, não se tenha dado ao trabalho (ou até esquecido) de explicar novamente. O argumento é que o público lê um livro A (e não um B, C, D, etc.) “e o mantém ‘vivo’ até a próxima geração, quando outros leitores podem mantê-lo vivo até a geração subsequente, e assim por diante até que, eventualmente, o livro A seja canonizado.” (MORETTI, 2013, p. 67 – tradução nossa)⁴¹. No entanto, um pouco mais adiante, Moretti também explica o seguinte: “O público leu A e o manteve vivo; ou melhor, eles *compram* A, induzindo aos seus editores a mantê-lo sendo publicado até que outra geração apareça e assim por diante.” (MORETTI, 2013, p. 68 – tradução nossa, itálico do autor)⁴². Embora isso faça sentido, talvez eu não fosse exatamente por esse caminho do mercado guiando a permanência de uma obra e levando-a para o cânone. Concordo que os leitores e a continuidade de sua publicação influenciam na **sobrevivência**, mas talvez aquilo que faça com que um autor seja **canonizado** é o fato de ele render frutos, isto é, de gerar “sucessores”, sejam eles meros **imitadores** (ou epígonos, para usar o mesmo termo que Moretti) sejam eles **agonistas fortes** (para usar a expressão de Harold Bloom), afinal, o que “salva” uma obra, isto é, o que a livra de certo esquecimento, é a reabilitação por

³⁹ No original: “It may well be that Doyle’s success can be accounted for in this way, but, subject to further investigation, it may well also be that it was due to quite different factors (for example, **a fascination with the figure of Sherlock Holmes**, the gentleman from Baker Street, **on grounds other than or in addition to his incomparable deductive powers**).” (PRENDERGAST, 2005, p. 51 – grifos nossos).

⁴⁰ No original: “[...] *which* readers, contemporary or later? It is here that we find the ‘confusion’ to which I alluded earlier.” (PRENDERGAST, 2005, p. 51).

⁴¹ No original: “The slaughter of literature. And the butchers – readers: who read novel A (but not B, C, D, E, F, G, H...) and so keep A ‘alive’ into the next generation, when other readers may keep it alive into the following one, and so on until eventually A becomes canonized.” (MORETTI, 2013, p. 67).

⁴² No original: “Readers read A and so keep it alive; better, they *buy* A, inducing its publishers to keep it in print until another generation shows up, and so on.” (MORETTI, 2013, p. 68).

outros escritores em suas próprias criações⁴³ (lembremo-nos do caso de *Lautréamont*, que foi ressuscitado pelos surrealistas).

O quarto momento, isto é, o quarto argumento circular ocorre com a “explicação” sobre o estilo indireto livre. Segundo Prendergast, este é um dos pontos altos de Moretti, e segundo ele, inclusive, é uma brilhante descrição da história desse estilo. No entanto, conforme ressalta o crítico, Moretti não quer apenas descrever, ele quer explicar, e cita sua afirmação de que se deve “[p]egar um forma, acompanhá-la de espaço em espaço e procurar entender as razões de suas metamorfoses” (MORETTI, 2008, p. 150). Mas, pergunta-se Prendergast, “quais são as razões, o que ‘explica’ essas fundamentais mutações de função, o que justifica a modelagem de fenômenos relevantes como o brotar sempre novo dos galhos de uma árvore?” (PRENDERGAST, 2005, p. 54 – tradução nossa)⁴⁴. Em seguida, ele afirma que o deslocamento geográfico não é motivo suficiente, e ataca o exemplo de Moretti acerca de Dostoievsky sobre seu uso de tal estilo: se foi apenas o deslocamento, ou o regime absolutista da Rússia, por que outros escritores não o utilizaram?⁴⁵

Embora a argumentação de Prendergast sobre estes pontos específicos seja interessante, eu gostaria de chamar a atenção para outro detalhe sinalizado por este autor e que no início deste artigo mencionei de passagem, a saber, a relação de Moretti com a história literária, relação esta que não só nos levará a outras críticas ao seu método, como também nos encaminhará para algumas sugestões de solução. Passemos ao argumento.

Conforme dito, o italiano não estaria interessado apenas no cânone, mas em toda a literatura mundial, e é por isso que suas propostas estão inseridas na linha de uma **história literária**, e não da **história da literatura**, uma vez que esta última está interessada na história das grandes obras ocidentais, isto é, do cânone, enquanto que a primeira estaria interessada em todas as obras literárias. Além disso, também se disse que Moretti pretende revolucionar os estudos literários e trazer de volta para o palco da história literária os grande não-lidos, os 99% esquecidos do arquivo.

⁴³ Penso aqui não apenas em H. Bloom, com sua *Angústia da Influência* (Imago, 2002), mas também no texto de Giorgio Agamben, “Criação e Salvação”, inserido no livro *Nudez* (Relógio D’Água Editores, 2010).

⁴⁴ No original: “But what are these reasons, what ‘explains’ these fundamental mutations of function, what justifies the modeling of the relevant phenomena as the ever-new sprouting of the branches of a tree?” (PRENDERGAST, 2005, p. 54).

⁴⁵ A explicação deste argumento nos levaria de volta ao artigo dos anos 2000, mas, para ser mais conciso, deixarei esta tarefa para o leitor interessado.

O que chama a atenção de Prendergast é a conexão feita por Moretti no início do livro entre sua “formação marxista” e “um grande respeito pelo método das ciências naturais.” (MORETTI, 2008, p. 08) Esta referência às ciências, afirma o crítico, “toma duas formas: um apelo geral à validade científica do método como tal; e um particular apelo às ciências biológicas, principalmente a teoria evolucionária” (PRENDERGAST, 2005, p. 42-43 – tradução nossa).⁴⁶. Até aí, nada de novo. O que interessa aqui é o fato de ele nos lembrar que

A invocação de ‘ciência’ em conexão com os estudos literários [...] tem uma longa linhagem, não apenas com o marxismo, mas também [...] com o positivismo, mais notavelmente com os esforços de Gustave Lanson no final do século XIX e começo do XX para substituir a história da literatura [...] por uma história literária cientificamente fundamentada. (PRENDERGAST, 2005, p. 43 – tradução nossa)⁴⁷

Além disso, conforme explica Prendergast,

Moretti partilha com Lanson um interesse nas obras “menores” (que em outro lugar ele chama de os Grande Não-Lidos e em “Árvores” ele designa como “os 99% perdidos do arquivo”, sendo uma das funções de suas “árvores” “reintegrá-los no tecido da história literária”). **Todavia, tanto os propósitos quanto os quadros de referências de ambos são muito diferentes.**” (PRENDERGAST, 2005, p. 47 – tradução e grifos nossos)⁴⁸

As diferenças apontadas por Prendergast são basicamente as seguintes: enquanto Lanson tem em vista uma história literária nacional (especificamente da França), Moretti está comprometido com a literatura internacional, o que ele chamou, usando o termo de Goethe, de *Weltliteratur*; outra diferença seria que “como o próprio termo ‘morfologia comparativa’ indica – as questões de ‘forma’ [literária] parecem muito maiores em Moretti

⁴⁶ No original: “This reference to science takes two forms: a general appeal to the validity of scientific method as such; and a particular appeal to the life sciences, crucially evolutionary theory.” (PRENDERGAST, 2005, p. 42-43).

⁴⁷ No original: “**The invocation of ‘science’ in connection with literary study of course has a lengthy pedigree, not only within Marxism, but also** – and, from the point of view of the founding of the modern discipline of literary history, more importantly – **within positivism; most notably the efforts by Gustave Lanson in the late 19th and early 20th centuries to replace history of literature** (as the study of a disembodied procession of high-canonical names) **with a scientifically grounded literary history.**” (PRENDERGAST, 2005, p. 43 – grifos nossos).

⁴⁸ No original: “Moretti shares with Lanson an interest in the ‘minor’ work (what elsewhere he terms the Great Unread and in ‘Trees’ he designates as ‘the lost 99 per cent of the archive’, one of the functions of his ‘trees’ being to ‘reintegrate it into the fabric of literary history’). But both his purposes and his frames of reference are very different.” (PRENDERGAST, 2005, p. 47).

do que jamais o foram em Lanson” (PRENDERGAST, 2005, p. 47 – tradução nossa)⁴⁹; e por fim, mas acima de tudo,

Moretti está muito mais interessado na análise das mudanças, enquanto que, em Lanson, a mudança é raramente percebida como algo mais do que uma simples sucessão. Mais especificamente, o que conta para Moretti é menos a origem do que os resultados; **os 99% perdidos do arquivo não são vistos como um guia para o passado que uma vez foi um presente, mas para um passado fossilizado em sua antiguidade,** naquilo que foi “extinto” como o oposto daquilo que sobreviveu. Em outras palavras, a proposta de Moretti é para uma história literária que irá substituir a hermenêutica positivista de contexto-reconstrução com as causalidades “dinamicamente” mutantes do paradigma evolucionário. (PRENDERGAST, 2005, p. 47 – tradução e grifo nossos)⁵⁰

Sendo assim, pode-se dizer que, embora Moretti nos forneça uma nova perspectiva para olhar a literatura e traga de volta para o palco os 99% esquecidos, seu método não chega à tão almejada revolução, uma vez que estes 99% são trazidos de volta apenas para mostrar o porquê de terem sido esquecidos. Além disso, conforme o próprio Moretti afirma no início de “The slaughterhouse...”, seu objetivo

não é tanto uma mudança no cânone – a descoberta dos precursores do cânone ou alternativas para isso, para restaurar [obras] a uma posição de destaque – mas uma mudança em como nós olhamos *toda* a história literária: canônica e não-canônica: junta. (MORETTI, 2013, p. 66 – tradução nossa)⁵¹

Essa afirmação vai levar Amir Khadem, em seu já mencionado artigo, a explicitar que

A questão para muitos críticos era como exatamente essa “mudança” no olhar para a história aconteceria. **Em um método de investigação onde um dos principais objetivos é explicar a história literária sem repensar o desenho de seu pilar central (o cânone) e onde, ao mesmo tempo, a perspectiva do estudioso é moldada através do**

⁴⁹ No original: “[...] as the term ‘morphology’ indicates – questions of literary ‘form’ loom far larger in Moretti’s remit than they ever did in Lanson’s.” (PRENDERGAST, 2005, p. 47).

⁵⁰ No original: “[...] Moretti is far more invested in the analysis of change, whereas in Lanson change is rarely figured as anything more than simple succession. More specifically, what counts for Moretti is less origins than outcomes; the lost 99 per cent of the archive is seen as a guide not to a past that once was a present but to a past fossilized in its pastness, that which is ‘extinct’ as opposed to that which has ‘survived’. In other words, Moretti’s proposal is for a literary history that will replace the positivist hermeneutics of context-reconstruction with the ‘dynamically’ mutating causalities of the evolutionary paradigm.” (PRENDERGAST, 2005, p. 47).

⁵¹ No original: “[...] for me, the aim is not so much a change in the canon – the discovery of precursors to the canon or alternatives to it, to be restored to a prominent position – as a change in how we look at all of literary history: canonical and noncanonical: together.” (MORETTI, 2013, p. 66)

cânone (inevitavelmente afetando suas inferências), haveria poucas chances para o estudo evitar a justificação histórica das vitórias da *boa* literatura sobre a *má* literatura.” (KHADEM, 2012, p. 416 – tradução e grifo nossos, itálicos do autor)⁵²

Nesse sentido, ainda nas palavras de A. Khadem, “embora as hipóteses de Moretti sejam aceitáveis”, é preciso chamar atenção para o fato de que,

elas não ajudam de forma alguma a mudar a maneira como a maior parte da literatura – ambas, canônica e não-canônica – é percebida, uma vez que apenas reafirma as ideias convencionais sobre o sucesso literário; tudo o que contribui para isso é fornecer uma possível explicação para o sucesso. (KHADEM, 2012, p. 418 – tradução nossa)⁵³

Além disso, ainda seguindo as palavras de Amir Khadem, é possível dizer que o método morettiano,

apesar de genuíno e válido, sofre de uma séria inconsistência metodológica, a saber, a de confundir duas diferentes ideias de literatura não-canônica, e, conseqüentemente, cometer erros críticos no desenvolvimento da estratégia de seus estudos. (KHADEM, 2012, p. 410 – tradução nossa)⁵⁴

Para resolver este problema, Khadem, na esteira de David Damrosch, propõe uma tripartição da literatura, isto é, uma distribuição da literatura em *hypercanon*, *countercanon* e *shadow canon*, o que eu traduzo, mais ou menos ao pé da letra, como hiper-cânone, contra-cânone e cânone-obscuro. O hiper-cânone seria constituído pelos autores já consagrados, o cânone “habitual”; o contra-cânone seria constituído pelas literaturas “menores” ou “de minorias” (*minor literatures*), isto é, aqueles que têm um valor literário, mas foram deixados de lado por conta de alguma especificidade étnica, de gênero, ou afins; o cânone-obscuro, por sua vez, seria constituído pela grande quantidade de autores que não chega exatamente a ter um grande valor literário, mas que, ainda assim, fazem parte da grande massa da

⁵² No original: “The question for many critics was that how exactly that ‘change’ in looking at history would take place. In a method of enquiry where one of the main objectives is to explain literary history without rethinking the design of its central pillar (the canon) and at the same time, the perspective of the scholar is shaped through the canon (unavoidably affecting his inferences) there would be little chance for the study to avoid the historical justification of victories of the *good* literature over the *bad* one.” (KHADEM, 2012, p. 416)

⁵³ No original: “[...] even if it is an acceptable hypothesis, it does not help in any way to change the way the bulk of literature – both canon and non-canon – is perceived, since it just reaffirms the conventional ideas of the literary success; all it adds to it is to provide a possible explanation for this success.” (KHADEM, 2012, p. 418)

⁵⁴ No original: “[...] Moretti’s method, though genuine and valuable, suffers from a serious methodological inconsistency, namely that it confuses two different ideas of non-canonical literature, and consequently makes critical mistakes in developing the strategy of his scholarship.” (KHADEM, 2012, p. 418)

literatura. É sobre os dois últimos que, na visão de Khadem, recaem o problema, uma vez que essas obras precisam ser observadas de forma diferenciada.

Para ele, no entanto, essa tricotomia deve ajudar a melhorar o método morettiano, pois seria preciso diferentes tipos de tratamento para com esses autores, a fim de que se pudesse melhor compreendê-los. No entanto, embora essa tripartição pareça resolver uma espécie de problema dentro do método morettiano, eu diria que ela não acaba com eles. Afinal, se o objetivo de Moretti é fazer uma história literária que aborde a literatura como um todo, ainda assim não temos a resolução de seus problemas, uma vez que ela continuaria abarcando apenas as obras canônicas – isto é, aquelas que já foram canonizadas por seus próprios motivos – e as obras que pretendem ser canonizadas – isto é, o contra-cânone, que, para Khadem é “exatamente o que pede nossa atenção”⁵⁵.

Neste sentido, gostaria de chamar a atenção para um dos poucos brasileiros a abordarem o método morettiano de forma lúcida. Refiro-me ao professor Luís Bueno, que possui tanto uma resenha sobre o livro de Moretti quanto um artigo refletindo sobre seu método, o qual é intitulado “Literatura Mundial e Tradição Interna”⁵⁶. Menciono os dois textos, pois o centro do argumento de seu artigo já estava esboçado em sua resenha sobre o livro. Um dos problemas, segundo o professor, seria que a relação centro-periferia estabelecida por Moretti, isto é, o seu olhar para a periferia, embora promissor, não atinge a radicalidade necessária, uma vez que

ninguém deixa de ler o que já leu, e por isso Moretti não consegue se desvencilhar de Jane Austen, de Flaubert, de Balzac, de Dostoiévski, de Conan Doyle e de tantos outros autores canônicos. **A decisão de não ler, portanto, não os pode atingir. Afeta apenas aqueles outros que, afinal, não seriam mesmo lidos.** Não há confronto, e tudo corre o risco de ficar reduzido ao velho sistema centro-periferia, que se mantém intacto e até se reforça, já que estrutura o método. (BUENO, 2009a, p. 23 – grifo nosso)

O argumento do professor é que mesmo estando o italiano interessado em olhar para a periferia e ouvir o que tem a dizer os especialistas de cada país, ainda assim ele a observa de um centro, e assim não deixa de “vê-la como produto derivado” (BUENO, 2009b, p. 122). Isso fica ainda mais claro, explica Luís Bueno, quando olhamos para as duas partes finais de *A literatura vista de longe*, no qual o italiano nos fornece “excelentes leituras de

⁵⁵ No original: “[...] the counter canon is exactly what calls for our attention.” (KHADDEM, 2012, p. 420)

⁵⁶ Ambos mencionados nas notas de rodapé de nº 08 e 28.

romances... ingleses.” (BUENO, 2009b, p. 122). Além disso, ainda conforme o professor, quando o autor deixa essas plagas e parte para a literatura latino-americana, embora faça uma excelente interpretação da evolução de dois séculos de discurso indireto livre,

os autores que ele escolherá são os mesmos que o centro já absorveu há umas boas décadas: Augusto Roa Bastos, Gabriel García Marquez, Alejo Carpentier e Mario Vargas Llosa. Ora, se uma obra já foi absorvida pelo cânone central é porque se adequa aos mecanismos desse cânone. Ou seja, *já foi lida*. E **assim, o método revela-se pouco renovador, já que o texto que não se lerá é exatamente aquele que não se leria mesmo e pode ser reduzido a esquemas gerais capazes de sintetizar os dados obtidos pelos “colaboradores” daquela “divisão cósmica” do trabalho restritos em seus rincões e felizes por ajudar a colocar mais um ponto no gráfico do pesquisador central.** (BUENO, 2009b, p. 123 – grifo nosso, itálico do autor)

Nesse sentido, o professor sugere uma modificação no método morettiano que talvez seja a solução para isso, a saber, “ler também o que está na periferia tanto do cânone literário como do crítico. Não ler tudo, nem mesmo ler mais, mas **ler outras coisas e verificar que dinâmica produzem quando postas ao lado daquilo que todos lêem.**” (BUENO, 2009a, p. 23 – grifo nosso). Com isso, o professor quer levar às últimas consequências a afirmação de Moretti feita em “Conjectures...” de que as grandes obras da literatura talvez não sejam a regra, mas a exceção. Só que, para fazê-lo, não ler não será a solução, tendo em vista que assim “se mantém a diferença hierárquica instaurada pela própria leitura que já foi feita, e que não pode ser desfeita, do que é central.” (BUENO, 2009b, p. 125) Daí a necessidade, conforme explica, de se ler outras coisas, mas invertendo o ponto de vista. Assim, ao invés de olhar do centro para aquilo que se produz na periferia, seria preciso “olhar a partir da periferia, espiar de fora, do lugar que, na proposta de Moretti, é definido como o longe – o lugar que, no Brasil, ocupamos.” (BUENO, 2009b, p. 125). Essa postura, apenas para concluir o raciocínio do autor, pode nos levar para outro lugar, a saber, para dentro de nossa própria tradição literária, uma vez que pode ser uma forma de abordar a literatura brasileira de maneira diferente da que costumamos olhar, isto é, “como [uma] terra mais ou menos arrasada apenas aqui e ali eventualmente redimida por figuras gigantescas.” (BUENO, 2009b, p. 125)

UMA ÚLTIMA PALAVRA...

Para finalizar, gostaria de acrescentar ainda uma última palavra. Embora não seja especificamente sobre o método morettiano, ela é sobre uma abordagem da literatura que segue em uma direção semelhante e, por isso, poderia aprimorar o método do italiano. Na verdade, pode-se dizer que é outra forma de *leitura à distância*, e aqui uso o termo em português, pois a contribuição é proveniente da colaboração entre o NuPILL (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística) e o LaPESD (Laboratório de Pesquisa em Sistemas Distribuídos), da Universidade Federal de Santa Catarina.

A contribuição consiste no uso de duas ferramentas para leitura e anotações de obras literárias, o sistema *DLNotes2*⁵⁷ e o *Aoidos*, dentro dos quais se abre uma nova perspectiva de leitura. Com sistema *DLNotes2* é possível efetuar anotações, livres ou semânticas⁵⁸, em obras que estejam em formato HTML⁵⁹; enquanto que com o *Aoidos* é possível fazer a escansão de versos e verificar diversos elementos de versificação (tipologia dos versos, sinéreses, sinalefas, *enjambements*, etc.) em poucos minutos, para não dizer segundos. Digo que uma nova perspectiva de leitura se abre, pois enquanto a ferramenta *Aoidos* contabiliza os elementos de versificação – o que possibilita estatísticas mais precisas ao(s) estudioso(s) –, o *DLNotes2*, por sua vez, possibilita verificar e anotar especificidades semânticas, como as aparições de diversos procedimentos literários (tanto aqueles elencados por Moretti quanto outros) e sistematizá-los em tabelas, gráficos, etc.

O uso em conjunto dessas duas ferramentas permite ao(s) estudioso(s) que sistematize(m) de forma bastante acurada diversos dados que ou poderiam levar muito tempo para que se pudesse observá-los manual e individualmente ou que poderiam passar despercebidos a seus olhos (até mesmo dos mais experientes). Assim, o uso sistemático dessas duas ferramentas (individualmente ou em conjunto) pode não apenas ser equiparado à *distant reading* morettiana, levando-se em conta o fato de elas permitirem ao estudioso uma leitura *através da obra* de uma forma ainda mais veloz, mas também ser considerado um complemento a ela, tendo em vista que estes recursos prestam auxílio também no trabalho em grupo, uma vez que essas ferramentas possibilitam aos estudiosos (desde um grupo de alunos de graduação até um grupo de pesquisadores mais avançados) a alcançarem

⁵⁷ Acrônimo para *digital library notes*, ou seja, “anotações em bibliotecas digitais”. Disponível em: <<http://www.dlnotes2.ufsc.br>>.

⁵⁸ Isto é, anotações que podem ser tanto de cunho geral quanto específicas em relação a determinado ponto, como personagens, lugares, vocabulário, recursos poéticos, etc.

⁵⁹ Esse é um aspecto bastante importante do programa, tendo em vista que muitas obras da literatura brasileira já estão disponíveis nesse formato no site, também do NuPILL, <<https://literaturabrasileira.ufsc.br>>.

resultados de forma mais abrangente. Além disso, o uso sistemático dessas duas ferramentas possibilita fugir tanto da “autoridade que o *distant reader* traz para si” quanto da hegemonia do inglês, ambas temidas por J. Arac e A. Khadem, pois aumenta a independência dos estudiosos de cada nacionalidade para que possam comparar e refinar seus próprios resultados, dando, assim, mais força para o próprio grupo de pesquisas, e não ao “mestre daqueles que sabem”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. “Criação e Salvação”. In: _____. **Nudez**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2010.

ALEXANDER, Ian. **Formação nacional e Cânone Ocidental: literatura e tradição no novo mundo**. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27944/000765827.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

ARAC, Jonathan. “Anglo-globalism?”. **New Left Review**, 16, 35-45. Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/16/jonathan-arac-anglo-globalism>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002. 206 p.

BUENO, Luís. (2009a) “A decisão de não ler”. **Jornal de Resenhas**, n. 3, jul. 2009, p. 23. Disponível em: <<http://jornalderesenas.com.br/resenha/a-decisao-de-nao-ler/>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

_____. (2009b) “Literatura mundial e tradição interna.”. **Revista Cerrados**, v. 18, n. 28, p. 115-132, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/viewFile/8318/6314>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

GENETTE, Gerárd. “Poética e História”. In: _____. **Figuras III**. Trad.: Ana Alencar. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2017.

GRONDIN, Jean. **¿Que es la hermenêutica?** Traducción de Antoni Martínez Riu. Barcelona: Herder, 2008.

KHADEM, Amir. “Annexing the unread: a close reading of ‘distant reading’.” **Neohelicon**, December 2012, Volume 39, Issue 2, pp 409–421. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11059-012-0152-y>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

MORETTI, Franco. (2000a). "Conjectures on world literature." **New Left Review**, 1, January-February 2000, p. 54-68. Disponível em: <<https://newleftreview.org/II/1/franco-moretti-conjectures-on-world-literature>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

_____; MACEDO, José Marcos. (2000b) "Conjeturas sobre a literatura mundial." **Revista Novos Estudos**, Edição 58, Volume 3, Novembro de 2000. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/wp-content/uploads/2017/05/04_conjeturas_sobre_a_literatura.pdf.zip>. Acesso em: 27 mai. 2018.

_____. (2001) "Conjeturas sobre a literatura mundial". In: SADER, Emir (org.). **Contracorrente: o melhor da New Left Review em 2000**. Trad. de Luiz Antônio Aguiar e Marisa Sobral. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 45-64.

_____. (2004). "Conjectures on world literature." In: PRENDERGAST, Christopher (org.). **Debating on world literature**. London: Verso, 2004.

_____. (2005a). **Graphs, Maps, Trees: Abstract models for a Literary Theory**. London: Verso, 2005.

_____. (2005b). **La Letteratura vista da lontano**. Torino: Einaudi, 2005.

_____. "Conjectures on world literature." In: _____. **Distant Reading**. London: Verso, 2013.

_____. "The slaughterhouse of literature." In: _____. **Distant Reading**. London: Verso, 2013.

_____. "The End of the Beginning: A Reply to Prendergast" In: _____. **Distant Reading**. London: Verso, 2013.

PRENDERGAST, Christopher. "Evolution and Literary History: A Response to Franco Moretti." **New Left Review**, 34, Jul-Aug 2005. p. 40-62.

_____. "Evolution and Literary History: A Response to Franco Moretti." In: _____. (org.). **Debating on world literature**. London: Verso, 2004.

SANTOS, Daniel Baz dos. "A história da literatura exausta: Enrique Vila-Matas e a literatura mundial." **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 419-431, jan./jun., 2013 Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/download/13326/10120>>. Acesso em: 27 mai. 2018.